

GRAMÁTICA, PRAGMÁTICA E COMPETÊNCIA DE LEITURA: VALORES DO *FUTURO PERFEITO* NA INTERNET

RESUMO: Existe uma relação favorável entre conhecimento explícito e reflexivo da gramática e competência de leitura. Uma literacia crítica exige leitores bem formados e não apenas que saibam decifrar a mensagem do texto. Partindo de uma perspectiva enunciativo-pragmática, faremos (1) a análise de diferentes valores do *futuro perfeito* num *corpus ad hoc* construído com ocorrências de 12 textos da Internet, (2) relacionando esses valores com os géneros discursivos em que estão presentes as ocorrências. Finalmente, (3) traçaremos, a partir desses valores, um percurso pedagógico exemplificativo, tendo em conta Duarte (1992), Silvano & Rodrigues (2010) e o que Camps (2006) escreveu sobre Sequências Didáticas para ensinar gramática.

PALAVRAS-CHAVE: gramática, pragmática, ensino, leitura, futuro perfeito

ABSTRACT: There is a positive relation between explicit and reflexive knowledge of grammar and reading competence. Critical literacy requires well-formed readers. Adopting an enunciative-pragmatic perspective, we will (1) analyze different values of the *futuro perfeito* in an *ad hoc corpus* constructed with occurrences of 12 Internet texts, (2) relate these values to the discursive genres in which the occurrences are present. Finally, (3) bearing in mind these values, we will draw an example of a possible pedagogical pathway, taking into account Duarte (1992), Silvano & Rodrigues (2010) and Camps (2006) on Didactic Sequences to teach grammar.

KEYWORDS: grammar, Pragmatic, teaching, reading, futuro perfeito

1 – Enquadramento teórico

A reflexão levada a cabo neste texto parte de alguns pressupostos teóricos que a Linguística aplicada ao ensino de línguas, ou implicada no ensino de Línguas¹, ou ainda, se preferirmos, a Linguística Educacional (Duarte 2008), mas também estudos em Didática de Línguas² têm hoje por adquiridos. Um deles é a constatação de que há uma relação favorável entre conhecimento explícito e reflexivo da gramática e competência de leitura. Lê melhor, de forma mais competente, mais rápida e retirando mais informação do texto (incluindo a implícita) quem possui mais conhecimento explícito de gramática e quem está habituado a refletir sobre ela. Para citarmos apenas dois exemplos, Costa (1992) encontrou uma relação clara entre mais conhecimentos sintáticos e melhor compreensão de leitura e Batalha (2017), recentemente, mostrou a relação positiva existente entre conhecimento explícito da língua (nomeadamente, no que diz respeito à identificação de antecedentes dos pronomes) e competência de leitura.

Ler é obter significado, mas nem sempre toda a informação que o texto fornece é explícita. Com frequência, o leitor tem de saber deduzir, a partir do dito ou até do aparente desfasamento entre o que é dito e o contexto, aquilo que o locutor quer implicitar. Para essa tarefa mais exigente de inferir, do texto, informação implicitada, pressuposta ou subentendida³, a compreensão inferencial, o leitor necessita de ter uma preparação sólida, com treino de fazer inferências a partir de índices textuais, preparação que lhe permita saber ler nas entrelinhas, compreender a diferença entre o que é dito e o que é comunicado, perceber se lhe estão a comunicar como factos aquilo que apenas são hipóteses ou interpretações subjetivas, descobrir quando está a ser manipulado; enfim, exercer uma literacia crítica em relação aos textos que circulam no espaço público. Não basta, portanto, ser capaz de aceder a um primeiro nível de decifração daquilo que os textos dizem, mas é necessário treinar explicitamente os jovens leitores para que consigam compreender o que os discursos comunicam, que é, por vezes, diferente daquilo que explicitamente dizem⁴.

Para exemplificarmos, com um percurso prático, o que defendemos na teoria, iremos ocupar-nos de valores do *futuro perfeito*, que temos estudado desde há uns anos (2017, 2015, 2012, 2010a, 2010b, 2009a, 2009b, 2008).

¹ Como gostavam de dizer Fernanda Irene Fonseca (1994) e Joaquim Fonseca (1992).

² Não é objetivo deste texto clarificar as subtilezas das diferenças entre estas diferentes designações e o que elas implicam, ou as posições teóricas de que decorrem.

³ Não vamos aqui estabelecer as diferenças entre implícito, implicitado (decorrente das implicaturas de Grice 1975), pressuposto e subentendido.

⁴ Leopoldina *et al.* (2010) e (2011) publicaram dois cadernos para o Ensino Básico (do 3.º ao 6.º anos) – *Aprender a compreender torna mais fácil o saber e Aprender a compreender. Do saber... ao saber fazer* – em que explicitamente se treinam tarefas de compreensão, incluindo as que implicam saber fazer inferências.

Como também há muito defendemos (2001), partimos da análise de uma questão que consideramos problemática do ponto de vista quer da descrição gramatical que dela é proposta, quer pelo facto de ser ignorada no ensino, quer pelo que dela conhecem os alunos, para, depois de a problematizarmos, pensarmos num tratamento possível em aula. Não há propostas didáticas válidas sem conhecimento científico seguro que as sustente⁵. Do ponto de vista teórico, para estudarmos a questão que nos irá ocupar – o valor do *futuro perfeito* na imprensa de hoje – a nossa perspectiva é enunciativo-pragmática e com ela pretendemos analisar usos reais, retirados de textos da Internet.

Para tal, constituímos um *corpus ad hoc*⁶, construído com ocorrências de textos de imprensa *online*, a propósito do atentado de Barcelona⁷. Trata-se de uma amostra de 12 textos do género notícia, publicados na rede entre 18 e 24 de agosto de 2017. Usamos ainda, para a última parte do trabalho, onde se faz uma proposta de percurso didático, uma crónica de Laurinda Alves, “Um homem, um gesto”, de 22 de agosto de 2017⁸, sobre o mesmo acontecimento. Esta seleção decorre de advogarmos que a escola não vive separada do mundo e o que se passa fora dela pode e deve entrar na aula e ser objeto de trabalho, incluindo de trabalho de reflexão gramatical, e de treino de competências, como a competência de compreensão leitora.

Os objetivos deste artigo são, por conseguinte: (1) analisar valores do *futuro perfeito* no *corpus* referido; (2) relacionar esses valores com os géneros discursivos em que estão presentes as ocorrências; (3) traçar, a partir desses valores, um percurso pedagógico exemplificativo, tendo em conta Duarte (1992), Silvano & Rodrigues (2010) e Camps (2006).

Para a análise dos valores do *futuro perfeito*, servimo-nos de quatro noções que terão de ser rapidamente abordadas, a saber: modalidade, evidencialidade, tempo e aspeto.

Falaremos de modalidade como o conjunto de elementos gramaticais que mostram a atitude do enunciador em relação ao conteúdo proposicional do seu enunciado. Dentro da modalidade, teremos em conta a modalidade epistémica, que exprime o grau de certeza e, portanto, de responsabilidade do locutor a propósito da validação do conteúdo proposicional do seu enunciado.

⁵ As propostas didáticas também são, obviamente, científicas. O que queremos realçar é a importância dos conhecimentos que estão na base do que vamos ensinar. No caso do professor de Português como língua materna, trata-se de conhecimentos sobre língua e também sobre literatura portuguesas.

⁶ Ver Anexo 1.

⁷ Do atentado terrorista, reivindicado pelo Daesh, nas Ramblas, em Barcelona, no dia 17 de agosto de 2017, resultaram 16 mortos e 130 feridos por atropelamento.

⁸ *Observador*: <http://observador.pt/opinia/um-homem-um-gesto/> [acedido a 23 de agosto de 2017].

Quanto à evidencialidade, entendemo-la como o mecanismo linguístico que nos diz de que modo a informação veiculada por um determinado enunciado foi obtida. Interessa-nos, para a análise do *futuro perfeito*, a evidencialidade indireta mediatizada, o mediativo de que se ocupou Guentchéva (1994), como “mode d'accès à la connaissance”.

Quanto ao tempo e ao aspeto, são categorias que vão começar por ser úteis para explicarmos o valor do *futuro perfeito* segundo as descrições gramaticais tradicionais, mas têm implicações, também, no efeito que o uso desse tempo provoca em textos de imprensa.

2 – Análise dos dados. Valores do *futuro perfeito*

Embora já o tenhamos referido noutras ocasiões, reforçamos aqui a ideia de que o *futuro perfeito* tem hoje, quer na imprensa convencional quer na que circula na Internet, um valor bastante diferente daquele que é descrito nas gramáticas tradicionais. Iremos apresentar rapidamente a descrição gramatical deste tempo composto para passarmos, em seguida, a referir outros valores, presentes na imprensa. Para tal, servimo-nos da descrição de Sten (1973), exemplo do que expõem as gramáticas sobre o *futuro perfeito*.

Nas descrições gramaticais, o *futuro perfeito* aparece sempre em frases complexas, como em (1), indicando que uma ação futura (ele (já) terá saído), relativamente ao tempo da enunciação, estará totalmente acabada quando uma outra ação igualmente futura, mas posterior à primeira (eu voltar para casa), tiver lugar. Indica, portanto, uma ação perfeitamente terminada no futuro, e daí a designação “perfeito”, que remete para o valor aspetual deste tempo verbal nestas frases complexas:

- (1) Quando eu voltar para casa, ele (já) *terá saído*.

Na verdade, este uso não é hoje muito frequente, pelo menos no que diz respeito aos discursos menos formais e orais, porque o que empregariamos em vez do *futuro perfeito*, numa situação informal, seria o pretérito perfeito que cobre, aliás, cada vez mais contextos em que outros tempos do passado deveriam, segundo as regras gramaticais tradicionais, ser utilizados:

- (2) Quando eu voltar para casa, ele já saiu.

Mas, como temos vindo a dizer, há outros valores atuais do *futuro perfeito* além deste, pouco frequente hoje.

Vale a pena olharmos para os dados gerados pelas duas versões do *Corpus do Português* de Davies & Ferreira, que comentaremos rapidamente.

Corpus do Português: Web/Dialects				
SEARCH	CHART		CONTEXT	ACCOUNT
SECTION	FREQ	SIZE (M)	PER MIL	CLICK FOR CONTEXT (SEE ALL)
GENERAL	270	453.6	0.60	
BLOG	491	537.9	0.91	
Brazil	37	558.4	0.07	
Portugal	637	270.2	2.36	
Angola	48	38.4	1.25	
Mozambique	39	27.9	1.40	
TOTAL	761			SEE ALL TOKENS

Quadro 1 – *terá dito* no *subcorpus* web/dialects do *corpus* de Davies & Ferreira

Como se pode ver no quadro, tomando como exemplo o *futuro perfeito* do verbo “dizer”, muito frequente no discurso de imprensa (Duarte 2017), no *subcorpus* de Davies & Ferreira, da Internet, este tempo verbal é dezassete vezes mais usado em Portugal do que no Brasil, onde só residualmente se utiliza (637 contra 37 ocorrências) e é mais frequente em blogues do que na Internet em geral (491 contra 270 ocorrências), o que se explica pela relação que existe entre certos verbos e certos tempos e os géneros textuais em que ocorrem preferencialmente, como Oliveira (2015) refere. Em blogues, onde predominam textos de opinião e comentários a textos de imprensa, é expectável que o *futuro perfeito* seja mais frequente do que na Internet em geral, onde circulam muitos textos académicos e informativos que não são compatíveis com os efeitos de sentido criados pelo uso deste tempo. Gerado com os dados do *subcorpus* mais antigo de Georgetown, poderemos ver o seguinte quadro, também interessante:

Corpus do Portuguese: Genre/Historical				
SEARCH	CHART		CONTEXT	HELP
SECTION	FREQ	SIZE (M)	PER MIL	CLICK FOR CONTEXT (SEE ALL)
1200s	0	0.6	0.00	
1300s	0	1.3	0.00	
1400s	0	2.8	0.00	
1500s	0	4.3	0.00	
1600s	0	3.3	0.00	
1700s	1	2.2	0.46	
1800s	7	9.7	0.72	
1900s	19	20.3	0.94	
PORT	18	10.2	1.76	
BRAZ	1	10.0	0.10	
ACAD	0	5.8	0.00	
NEWS	14	6.5	2.16	
FICT	3	5.9	0.51	
ORAL	2	2.1	0.96	
TOTAL	65			SEE ALL TOKENS

Quadro 2 – *terá dito* no *subcorpus* genre/historical do *corpus* de Davies & Ferreira

Os dados do gráfico apontam tendências relevantes: reafirmam que o tempo verbal quase não é usado no Brasil (numa proporção semelhante à dos dados do *corpus* da Internet: há 18 vezes mais ocorrências em Portugal), não há exemplos antes do século XVIII, a esmagadora maioria deles são do século XX e do discurso jornalístico. Não existem no discurso académico, o que tem a ver, segundo a nossa opinião, com o valor epistémico de não comprometimento com a validação do conteúdo proposicional do que é dito pelo locutor, não comprometimento inaceitável em géneros discursivos académicos, em que o enunciador, geralmente, se compromete com as afirmações que produz.

Apesar de encarmos o *futuro perfeito* a partir das noções de modalidade, evidencialidade, tempo e aspeto, é sobretudo o seu valor como mediativo que irá ser sublinhado nos usos atuais, já que estamos cada vez mais convencidos de que há uma gramaticalização em curso e este tempo se emprega, no Português Europeu Contemporâneo (PEC), em textos de imprensa, para indicar, sobretudo, que a afirmação não é da responsabilidade do locutor, mas tem uma outra origem, um outro locutor fonte. O *futuro perfeito* equivale ao “conditionnel épistémique d’attribution” (Kronning 2015)⁹.

Do ponto de vista da noção de modalidade epistémica, o *futuro perfeito*, nos textos de imprensa, possui um efeito de diminuição do comprometimento, da responsabilidade enunciativa do locutor, sugere um certo grau de (des) comprometimento do locutor quanto à validação do conteúdo proposicional do seu enunciado.

A hipótese que colocámos e que procuramos validar com a análise dos exemplos do *corpus* é de que o uso do *futuro perfeito* indica que o locutor não se compromete com, não se responsabiliza pelo conteúdo do enunciado relatado ou não se compromete quanto à fiabilidade do enunciado fonte (ou até quanto à fiabilidade da própria fonte).

Uma segunda hipótese que iremos examinar é a da possível aproximação entre a modalidade epistémica e a evidencialidade, no caso dos valores atuais do *futuro perfeito*. Como Kronning afirma, “Ces catégories médiatives, ainsi que des catégories modales telles que le “probablement vrai” ou “zéro” impliquent toutes un certain “désengagement” du locuteur vis-à-vis du fait qu’il représente”. O *futuro perfeito* seria, então, como o condicional em

⁹ Esta correspondência foi notada por várias investigadoras (por exemplo, Oliveira e Neves 2007, Martins 2010). Embora o condicional e o condicional composto ou perfeito também sejam usados como mediativos, são empregues, em PEC, muito menos frequentemente do que o *futuro perfeito*. O condicional composto pode ter adquirido, em PEC, um valor de contraexpectativa (típico do condicional) que o *futuro perfeito* parece não poder sugerir. Compare-se (a) e (b):

(a) Segundo algumas fontes, ele teria saído tarde do escritório, mas tal não se confirmou/confirma.

(b) */? Segundo algumas fontes, ele terá saído tarde do escritório, mas tal não se confirmou/confirma.

francês, “un *marqueur grammatical mixte* qui exprime la *modalisation zéro* – le refus du locuteur de prendre en charge le contenu cognitif de son énoncé – et un type particulier de la *médiation épistémique*: l’emprunt à autrui de ce contenu.” (Kronning 2012: 84). A ideia de que esta aproximação pode ser feita com proveito para explicar o funcionamento do *futuro perfeito* não é aceite por Oliveira (2015) nem por Martins (2010).

A nosso ver, o *futuro perfeito* dos textos de imprensa, na Internet (e na imprensa tradicional), seria, frequentemente, um “*marqueur évidentiel*”, indicando que o locutor não é a fonte daquilo que afirma, mas, pelo contrário, conhece os factos de que fala a partir de uma outra fonte, por vezes identificada, por vezes não, ou então indefinida ou genérica.

O *futuro perfeito* da imprensa é, com efeito, muito frequente no PEC. Defendemos que é um marcador epistémico e mediativo, com efeito de descomprometimento do locutor mas, simultaneamente, com uma orientação modal duplamente positiva. Por um lado, o discurso relatado orienta, por defeito, para o verdadeiro (Kronning 2012) e, por outro, o *futuro perfeito* assinala, tradicionalmente, uma ação acabada, portanto real e verdadeira. Sugere então, frequentemente, duas conclusões contraditórias: que os factos relatados são verdadeiros, mas que o locutor não se quer comprometer quanto à sua validação. Quando estes dois valores coexistem, o tempo verbal em análise presta-se a um uso ambíguo, de querer fazer saber, só que sem a responsabilização que o informar implica. Mas veremos que não é exatamente o que acontece nos exemplos do *corpus* agora analisados. Neles, a sugestão de que os factos relatados são verdadeiros aparece atenuada. Parece haver uma tensão entre, por um lado, a necessidade e a urgência de informar, face à gravidade dos factos, e, por outro, a prudência jornalística que aconselha a não informar se a informação não é ainda fiável.

Nos 12 textos recolhidos sobre o atentado de Barcelona, há 27 ocorrências de *futuro perfeito*. Porque os factos não estavam ainda apurados, e estas são notícias temporalmente muito próximas dos acontecimentos, o locutor não se compromete quanto à verdade do que é dito, não a garante, o que provoca um efeito de descomprometimento, de distanciamento entre quem escreve, relatando, por vezes, em discurso indireto, palavras de outros locutores e o enunciador fonte do discurso que se relata ou resume, ou os factos de que ele é fonte de informação. O locutor não valida a informação que adianta, porque há uma incerteza geral e falta de dados seguros e fidedignos, o que é uma característica típica da informação de urgência (Manuel 2011). É este uso que configura, a nosso ver, um valor epistémico do *futuro perfeito*, neste *corpus* concreto.

Para verificarmos se o emprego deste tempo composto introduz, no enunciado, um menor grau de validação do conteúdo proposicional,

propomos o seguinte teste: tentemos substituir este tempo pelo pretérito perfeito, ou seja, por uma asserção simples ou zero, como em (3'). Como Oliveira (2015: 108) refere, o *futuro perfeito* “works consistently as the distancing (mediative) counterpart” do pretérito perfeito e é isso que o par de enunciados seguinte permite confirmar, mas, a nosso ver, revela também um menor grau de certeza do locutor de (3) sobre a informação, por comparação com o enunciado (3'):

(3) De acordo com o jornal catalão *La Vanguardia*, o suspeito **terá chegado** de Marrocos no domingo, 13 de Agosto.

<https://www.publico.pt/2017/08/18/mundo/noticia/quem-e-moussa-oukabir-o-jovem-que-e-o-principal-suspeito-do-ataque-em-barcelona-1782672>

(3') De acordo com o jornal catalão *La Vanguardia*, o suspeito **chegou** de Marrocos no domingo, 13 de Agosto.

A diferença entre (3) e (3') está em que o locutor não garante, no primeiro caso, que o suspeito tenha chegado de Marrocos no domingo, 13 de agosto, enquanto que o locutor do segundo enunciado afirma que ele chegou de Marrocos nesse dia. Em (3) há dúvida, em (3') certeza. Na verdade, ambos os enunciados podem começar pela sequência atributiva “De acordo com o jornal catalão *La Vanguardia*”¹⁰, provando esta possibilidade, quanto a nós, que não basta a noção de evidencialidade para explicar o efeito do *futuro perfeito*, mas é também necessária a de modalidade epistémica, já que em (3) a asserção é menos forte e o locutor não valida totalmente o conteúdo proposicional daquilo que assere, enquanto em (3') há mais certeza quanto ao que é asserrido.

No que diz respeito à noção de evidencialidade, o *futuro perfeito* indica que a informação relatada vem de outra fonte que não o locutor¹¹, porque o enunciado resulta de mediação. No caso seguinte, são as “autoridades espanholas” a fonte.

(4) **As autoridades espanholas** confirmaram esta segunda-feira a identidade do suspeito que **terá conduzido** a carrinha que abalroou dezenas de pessoas nas Ramblas da cidade espanhola de Barcelona, na passada quinta-feira.

¹⁰ A expressão “de acordo com” é um anglicismo muito generalizado no discurso de imprensa.

¹¹ Será preciso verificar, com mais exemplos, se o *futuro perfeito* tem valor evidencial, ou se ele decorre, sobretudo, do discurso atributivo que o acompanha. Com efeito, este valor evidencial pode ser consequência das suas propriedades modais. (Agradeço os comentários dos avaliadores anónimos, que enriqueceram este texto).

Às vezes, no entanto, a mediação é dupla, como em (5), em que a fonte de informação é o *El Mundo* que, por sua vez, usa “fontes judiciais”, plurais e anónimas:

(5) [...] apesar de o *El Mundo*, citando também fontes judiciais, indicar que a Catedral da Sagrada Família **terá sido referida** durante o interrogatório

<https://www.publico.pt/2017/08/22/mundo/noticia/celula-terrorista-planeava-um-atentado-maior-em-barcelona-1783014>

A nosso ver, podemos, portanto, aplicar ao *futuro perfeito* a classificação de Kronning (2012: 84) que refere a existência de marcadores mistos, relacionados “aussi bien à la modalisation qu’à la médiation épistémiques”. As duas categorias semânticas “concourent à réduire maximalement la responsabilité énonciative du locuteur [...]”.

Este marcador misto, remetendo para evidencialidade + modalização zero, sinaliza que o enunciador não se compromete quanto à validação do conteúdo proposicional do seu enunciado. Façamos o seguinte teste: se juntarmos ao enunciado “mas não o posso garantir”, ele é aceitável com o *futuro perfeito* (6’), mas já não o é com o pretérito perfeito (6’').

(6’) Imã e cérebro do atentado de Barcelona **terá morrido** numa explosão na véspera, *mas não o posso garantir*.

A partir de: <http://www.dn.pt/mundo/interior/ima-e-cerebro-do-atentado-tera-morrindo-numa-explosao-na-vespera-8718683.html>

(6’’) *Imã e cérebro do atentado de Barcelona **morreu** numa explosão na véspera, *mas não o posso garantir*.

Noutros exemplos mais numerosos, já estudados (Duarte 2017, 2015), parecia haver uma duplicidade de efeitos pretendidos com o uso do *futuro perfeito* (por exemplo, a sua coocorrência com verbos no pretérito perfeito, ou verbos *dicendi*, que remetiam para a certeza e não para a probabilidade), pois tínhamos, em simultâneo, esta orientação para a criação de um efeito de verdade e o descomprometimento do locutor relator. Pelo contrário, nestas 27 ocorrências, o *futuro perfeito* raramente coocorre com o pretérito perfeito e poucas vezes com verbos que indiquem certeza, mas coocorre com verbos que atenuam a força ilocutória dos atos assertivos, i.e., estão mais do lado da incerteza do que da certeza, não gerando o mesmo tipo de efeito duplo.

menos certeza	mais certeza
(7) As autoridades espanholas <i>suspeitam</i> que	(15) As autoridades espanholas <i>confirmaram</i>
(8) [...] leva as autoridades a <i>suspeitarem</i> que o suspeito	(16) <i>contou</i> um amigo ao jornal <i>El Mundo</i>
(9) As autoridades espanholas <i>acreditam</i> que	(17) <i>disse</i> esta segunda-feira o chefe dos Mossos d'Esquadra, Josep Lluís Traperó, em conferência de imprensa.
(10) A investigação <i>acredita</i> que	(18) <i>Sabe-se que se tinham alojado</i> num hotel
(11) Tudo <i>leva a crer</i> que	
(12) segundo <i>fontes ouvidas</i> pela <i>Europa Press</i>	
(13) <i>informações avançadas por fontes</i> ligadas à investigação	
(14) o homem que <i>dizem ser</i> o cérebro	

Quadro 3 – Grau de certeza dos atos assertivos

Apesar do maior número de asserções que relevam da incerteza ou do não comprometimento do locutor, há, ainda assim, neste *corpus*, elementos que concorrem para a credibilização do discurso, de modo a que aquele não pareça demasiado inseguro sobre o que afirma, porque tem a defender um *ethos* de jornalista fiável, isto é, de alguém que fornece informação, não podendo, por isso, ser permanentemente pouco assertivo. Para a assertividade do locutor quanto ao que asse, concorrem, além do uso do pretérito perfeito usado para contar os factos, sequências entre aspas e a referência às fontes (mesmo se vagas, coletivas e pouco identificadas, nestas ocorrências), pois são mecanismos discursivos que credibilizam o dito:

(19) “Ainda há três meses estive com Mohamed [Chemlal] numa festa e ambos bebemos e fumámos”, contou um amigo ao jornal *El Mundo* referindo-se ao único sobrevivente da explosão em Alcanar, explicando que só “há cerca de dois meses” o comportamento do grupo **terá começado** a mudar.

<https://www.publico.pt/2017/08/20/mundo/noticia/o-misterio-da-rapida-radicalizacao-da-celula-terrorista-de-ripoll-1782866>

3 – Sugestões didáticas

As propostas que se seguem partem do pressuposto de que os valores do *futuro perfeito* são bem compreendidos pelo professor e que ele domina os conceitos teóricos que permitem explicar o seu funcionamento no discurso de imprensa, em PEC. Num primeiro momento de intervenção, o docente organizaria uma oficina de gramática tal como proposta por Inês Duarte (1992), com o objetivo de levar os alunos a compreender, a partir dos dois testes já apresentados atrás, que efeito tem o *futuro perfeito* em ocorrências elencadas pelo professor: (1) confrontando uma bateria de exemplos com o *futuro perfeito* e outros, manipulados, em que ele tivesse sido substituído pelo pretérito perfeito; (2) acrescentando, a cada par, a sequência, “mas não o posso garantir”; (3) verificando as diferenças de efeito de sentido dos pares anteriores.

As ocorrências propostas aos alunos para serem analisadas deverão ser reais, retiradas de *corpus*, e não forjadas pelo professor. Os argumentos que Albelda (2011) usa para a defesa da rentabilidade do emprego de *corpora* discursivos no ensino de línguas estrangeiras é aplicável ao ensino de língua materna. Uma das vantagens adiantadas pela autora é pôr os alunos em contacto com a língua em uso e documentos autênticos e não apenas com a língua normalizada dos exemplos escolares, frequentemente simplificados, inventados pelo professor para provar o que está a ensinar, devidamente depurados de “complicações” e fora de qualquer contexto. Aliás, propomos que os alunos possam ter acesso ao texto do qual os exemplos são extraídos, sempre que precisem do contexto para compreender melhor cada ocorrência analisada.

Como vimos acima, confrontar sequências em que existe *futuro perfeito* com as mesmas em que este tempo foi substituído pelo pretérito perfeito irá permitir aos alunos concluir que o *futuro perfeito* carrega um valor epistémico de dúvida e incerteza ausente dos exemplos construídos com o pretérito perfeito, sendo os primeiros exemplos compatíveis com uma adversativa (“mas não o posso garantir”) que indica a dificuldade de o locutor validar o conteúdo proposicional correspondente ao seu enunciado e sendo os segundos incompatíveis com essa restrição.

Um segundo momento de uma Sequência Didática em torno dos valores do *futuro perfeito* procuraria enquadrar o uso deste tempo verbal, no caso concreto que temos estudado, no duplo contexto: (1) do género discursivo em causa; (2) do acontecimento real tratado pela imprensa *online*.

Propomos, como exemplo, que os alunos, num primeiro momento, procurem elencar todas as ocorrências de pretérito perfeito na crónica de Laurinda Alves “Um homem, um gesto”¹² para, posteriormente, serem

¹² De 22 de agosto de 2017, *Observador*: <http://observador.pt/opiniao/um-homem-um-gesto/> [acedido a 8 de agosto de 2018].

capazes de confrontar o valor deste tempo verbal neste texto e em algumas das notícias da Internet, onde existe *futuro perfeito*, selecionadas para este fim (cf. Oliveira 2015). Andaríamos, assim, próximos da proposta de Rodrigues e Silvano (2010) que se propuseram articular o laboratório de gramática de Inês Duarte com os ensinamentos em prol do trabalho pedagógico com os discursos, advogado por Fernanda Irene e Joaquim Fonseca.

4 – Conclusões

Partimos, para a sugestão aqui apresentada, da relação existente entre conhecimentos mais refletidos de gramática e melhor competência de leitura, isto é, da ideia de que lê melhor (retira mais rapidamente informação com sentido de um texto) quem é mais competente a nível dos conhecimentos gramaticais, nomeadamente sintáticos. Mas ler não é só, nem sobretudo, decifrar e é necessário disponibilizar aos alunos um trabalho que implique fazer inferências, ou seja, compreender o que o texto implícita e comunica e não apenas o que o texto explicitamente diz. Esse trabalho com o modo como o texto diz o que diz e não apenas com o tema do texto¹³ conduz o leitor a uma leitura crítica, que nos parece exigível em tempos em que os *media*, nomeadamente *online*, manipulam a informação e tentam condicionar as interpretações e as escolhas livres dos cidadãos.

Por outro lado, defendemos trabalho com *corpus* e trabalho com textos, isto é, com materiais autênticos (com exemplos atestados e não fabricados), cuja leitura faça sentido e motive. Frases soltas e descontextualizadas e criadas pelo professor para servirem de exemplo à exploração de um tópico gramatical não motivam para a leitura nem ensinam a ler, são frequentemente gramaticais mas incompreensíveis ou inadequadas e sofrem de um artificialismo incompatível com a ideia defendida por Fonseca e Fonseca (1977) de uma aula de língua materna onde circule o maior número possível de discursos, de géneros variados. A presença de discursos é necessária, entre outros motivos, porque há uma relação óbvia entre os fenómenos linguístico-discursivos dos excertos estudados em aula, mesmo dos que sejam usados no formato de oficina gramatical, e o género discursivo dos textos a que essas ocorrências pertencem. Por outro lado ainda, acresce que ler textos como forma de obter significado faz mais sentido se essa leitura implicar abertura para a turbulência do presente, através do estudo da imprensa, que pode permitir, se os textos forem bem selecionados, analisados e discutidos, gerir a tensão entre o medo e a necessidade de segurança que esse presente conturbado implica.

¹³ Já há muito preconizado por Fonseca (1992: 237), quando salientava a importância de se analisar em aula “[...] o modo como o conteúdo representativo-descritivo está linguisticamente conformado, como está estabelecido o sistema de referências, como ou em que perspectiva estão apresentados os estados de coisas.”

REFERÊNCIAS

Albelda, M. M. 2011. Rentabilidad de los corpus discursivos en la didáctica de lenguas extranjeras. In: J. de S. Guervós; H. Bongaerts; J. J. S. Iglesias; M. S. Gómez (Eds.). *Del texto a la lengua: la aplicación de los textos a la enseñanza-aprendizaje del español L2-LE. — Actas del XXI Congreso Internacional de ASELE*. Salamanca: Imprenta Kadmos, 83-95. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/21/21_0083.pdf.

Batalha, J. 2017. *Relações entre conhecimento explícito da língua e a competência de leitura*. Tese de doutoramento não publicada. Lisboa: Universidade Nova.

Camps, A.; Zayas, F. (Eds). 2006. *Secuencias didácticas para aprender gramática*. Barcelona: Graó.

Costa, A. 1992. Leitura: conhecimento linguístico e compreensão. In: M. R. D. Martins (Ed.). *Para a Didáctica do Português, seis estudos de Linguística*. Lisboa: Colibri, 105-117.

Duarte, I. M. 2001. Do saber ao ensinar: em torno dos verbos introdutores de discurso relatado. In: F. I. Fonseca; I. M. Duarte; O. Figueiredo (Eds.). *A Linguística na Formação do Professor de Português*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 125-134. Também disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7290.pdf>

Duarte, I. M. 2008. Emoção e argumentação: *futuro perfeito* nos títulos de notícias. In: *Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso - Emoções, ethos e argumentação*. Também disponível em <http://hdl.handle.net/10216/23495>

Duarte, I. M. 2009a. Le futuro perfeito portugais: un marqueur de médiatif. *Faits de Langue*. 33: 111-117.

Duarte, I. M. 2009b. *Futuro perfeito e condicional composto*: mediativo no discurso jornalístico em Português Europeu e em Português Brasileiro. In: D. da Hora (Ed.). *Anais do VI Congresso Internacional da Abralín*, João Pessoa. Também disponível em <http://hdl.handle.net/10216/13504>.

Duarte, I. M. 2010a. Le discours rapporté dans la presse portugaise, le futuro perfeito et l'effacement énonciatif. In: V. Hrsq.; M. Iliescu; H. M. Siller-Runggaldier; P. Danler (Eds.). *Actes du XXVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Berlin: De Gruyter, Tomo V, 397-406.

Duarte, I. M. 2010b. Le futuro perfeito portugais: inscription textuelle discrète de discours rapporté. In: L.-S. Florea; C. Papahagi; L. Pop; L.; A. Curea (Eds.). *Directions Actuelles en Linguistique du Texte, Actes du colloque international Le texte: modèles, méthodes, perspectives*. Cluj-Napoca: Casa Cărții de Știință, 75-84.

Duarte, I. M. 2012. Le futuro perfeito, marqueur de dialogisme. Dialogisme et discours journalistique: la « une » du quotidien *Público*. In: J. Bres; A. Nowakowska; J.-M. Sarale; S. Sarrazin (Eds.). *Dialogisme: langue, discours*. Bruxelles, Bern, Berlin, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 107-119.

Duarte, I. M. 2015. Modalisation, voix, discours rapporté: le *futuro perfeito* dans la presse portugaise sur Internet. In: M. H. A. Carreira (Ed.). *Faits de langue et de discours pour l'expression des modalités dans les langues romanes*. Paris: Université Paris 8 Vincennes-Saint Denis, 217-232.

Duarte, I. M. 2017. Le futuro perfeito en portugais européen : modalité, évidentialité, temporalité, aspectualité. Colloque *mETA : modalité, Evidentialité, Temporalité, Aspectualité et autres gourmandises linguistiques*, 29-30 mai 2017, Universitatea « Ovidius » din Constanța (entregue para publicação).

Duarte, I. 1992. Oficina gramatical. Contextos de uso obrigatório do conjuntivo. In: R. Delgado-Martins (Ed.). *Para a Didática do Português. Seis estudos de Linguística*. Lisboa: Colibri, 165-177.

Duarte, I. 2008. Linguística Educacional, uma aposta, a formação de uma comunidade, um horizonte de desafios. In: I. M. Duarte; F. Oliveira (Eds.). *O Fascínio da Linguagem: homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto: Universidade do Porto, Centro de Linguística, 161-171.

Fonseca, F. I. 1994. *Gramática e Pragmática: estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora.

Fonseca, J. 1992. A frase no texto. Ensino da Língua Materna como pedagogia dos discursos. *Linguística e Texto / Discurso*. Lisboa: ME / ICALP, 235-248.

Fonseca, F. I.; Fonseca, J. 1977. *Pragmática Linguística e Ensino do Português*. Coimbra: Almedina.

Grice, H. P. 1975. Logic and Conversation. *Syntax and Semantics*. **3**: 41-58.

Guentchéva, Z. 1994. Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français. *Langue Française*. **102**: 8-23.

Kronning, H. 2012. Le conditionnel épistémique : propriétés et fonctions discursives. *Langue Française*. **173**: 83-97.

Kronning, H. 2015. El condicional epistémico «de atribución» en francés, italiano y español: aspectos diafásicos, diatópicos y diacrónicos. In: K. Jeppesen; J. Lindschouw (Eds.). *Les variations diasistémiques et leurs interdépendances dans les langues romanes*. Strasbourg: Éditions de linguistique et de philologie, 507-518.

Manuel, A. 2011. *Information d'urgence et information télévisée: analyse d'un paradigme communicationnel (les événements du tsunami de 2004 et du 11 septembre 2001)*. Linguistique. Université de Franche-Comté. Français. <NNT: 2011BESA1007>. <tel-00973871>

Martins, A. 2010. Evidencialidade no discurso dos *media*. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*. **5**: 235-245.

Oliveira, T. 2015. Between evidentiality and epistemic modality. The case of the future and the conditional in European Portuguese. *Belgian Journal of Linguistics*. **29**: 101-122.

Oliveira, T.; Neves, J. B. 2007. Estratégias linguísticas de distanciamento no discurso jornalístico. *Aprender - Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre*. **31**: 49-55.

Rodrigues, S.; Silvano, P. 2010. A pedagogia dos Discursos e o laboratório gramatical no ensino da gramática. Uma proposta de articulação. In: A. M. Brito (Ed.). *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Porto: Clup / Flup, 275-286.

Sten, H. 1973. *L'emploi des temps en portugais moderne*. Copenhaga: Munksgaard.

Viana, L. F.; Pereira, L.; Ribeiro, I.; Fernandes, I.; Cadime, I.; Leitão, C.; Gomes, S.; Mendonça, S.; Ferreira, A. 2011. *Aprender a Compreender. Do Saber... Ao Saber Fazer*. Coimbra, Almedina.

Viana, L. F.; Pereira, L.; Ribeiro, I.; Mendonça, S.; Ferreira, A.; Leitão, C.; Fernandes, I.; Gomes, S. 2018. *Aprender a Compreender Torna Mais Fácil o Saber*. Coimbra, Almedina.

Davies, M.; Ferreira, M. 2006. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. (<http://www.corpusdoportugues.org>)

